



PE. CELESTINO MÁRIO LÁZZARI

São Paulo * 06-12-1906

São Paulo † 23-11-1985 (78 anos)

Nasceu Pe. Celestino Mário Lázzeri no dia 06 de dezembro de 1906, em São Paulo, na região sul da cidade (Santo Amaro). Foram seus pais Archimedes Lázzeri e Maria Facchini Lázzeri. A vivência cristã haurida no lar desde a mais tenra idade, explica a formação moral e religiosa da personalidade do Pe. Celestino, o sétimo dentre os filhos da família Lázzeri. Seus pais, vivendo eles mesmos profundamente os princípios do cristianismo, souberam inocular com sabedoria evangélica nos filhos, a honradez, a verdade, bondade e uma religiosidade que acompanhou por toda a vida o nosso Padre.

Desde a infância, Pe. Celestino revelou-se um filho exemplar, humilde, atencioso, cuidando dos irmãos menores no sen-

tido de encaminhá-los para o bem e para a virtude. A reza do terço era prática diária na família. O respeito, a obediência e a veneração para com os pais, foram características nesse lar abençoado; tão abençoado que Deus concretizou um desejo ardente da progenitora: um filho padre.

Aos 9 anos, Celestino ingressa no Liceu Coração de Jesus, onde fez seus estudos, desde o primário, ginásio e científico; já moço feito conseguiu entrar como funcionário da então famosa Companhia “Light and Power”; tinha 18 anos.

Com as qualidades que recebeu do berço cristão, cultivando-as no convívio da família e na vivência das práticas religiosas da igreja, unidas às que a natureza lhe concedeu: serenidade, honestidade, pessoa de palavra, simplicidade e humildade, boas maneiras, educação fina, atencioso, sempre moderado, enfim um gentil-homem, admirado por todos quantos o contactavam, até no tom da voz sempre calma, sem nenhuma exaltação ou desequilíbrio; assim foi o jovem Celestino, assim o Pe. Celestino; até o fim da sua longa existência.

Quando ainda não havia sentido a voz de Deus para uma missão mais elevada, entrou na União dos Ex-Alunos Salesianos do Liceu Coração de Jesus, chegando a participar do Conselho e da Secretaria até o ano de 1933. E sempre muito zeloso, aderiu à Conferência de São Vicente de Paulo, da mesma União dos Ex-Alunos. Aí teve oportunidade de revelar-se um autêntico vicentino, cuja primeira e maior característica, é o amor ao próximo mais pobre: aos domingos não deixava de visitar as famílias carentes e os mais necessitados, tendo por colega outro fervoroso vicentino, Atilio Faedo, a quem devemos estas preciosas notícias da meninice e juventude do Pe. Celestino.

Foi precisamente no colégio salesiano, entre os Ex-Alunos e como congregado mariano, que Deus Nossa Senhor fez ouvir sua voz soando no coração desse jovem rico de qualidades humanas e cristãs. Por três anos seguidos participou do retiro dos marianos: eram os anos de 1931... 1933. O retiro do último ano, foi algo de extraordinário: os marianos vindos de todos os recantos da cidade e do estado, ocuparam todos os espaços dispo-

níveis do Liceu Coração de Jesus.

Em 1932, a Congregação Mariana da União dos Ex-Alunos, resolveu encenar no teatro do Liceu, a peça: "A festa dos jovens". Por unanimidade foi escolhido como galã, o moço mariano Celestino Mário Lázzari. Foi de tal agrado a repercussão da peça, que os atores tiveram de encená-la no teatro do Instituto Dom Bosco, do Bom Retiro.

Foi em 1934, já com 27 anos de idade, moço feito, de maturidade e sensatez comprovados, que o Ex-Aluno salesiano e mariano, o exemplar funcionário da Tramway, Celestino Mário Lázzari, deixava tudo: família, casa, parentes, posição excelente na grande empresa, para ingressar no seminário salesiano de Lavrinhas, uma minúscula cidadezinha às margens do Rio Paraíba.

Quem viveu aqueles marcantes anos de Lavrinhas e ainda os não poucos que se lhes seguiram, pode ter uma idéia dos esforços e até sacrifícios de adaptação, sob todos os aspectos que o novo seminarista houve por bem assimilar.

Anos difíceis aqueles! Só uma vocação amadurecida e enraizada profundamente e um ideal tão elevado, como é a vocação consagrada, é que iria ter forças bastantes e vontade vigorosa para superar um estilo de vida, senão oposto, pelo menos muito diferente do que levara até agora.

Pe. Celestino na área salesiana propriamente dita

Após dois anos de aspirantado, onde pela idade já bem rara àquela época de iniciação salesiano-sacerdotal, e mais ainda pela serenidade, delicadeza, simplicidade e docilidade, o moço deixava a mais bela das impressões e esperanças. Celestino entrou no noviciado no dia 27 de janeiro de 1936, em São Paulo - Alto da Lapa.

Tanto no pedido para o noviciado, feito no dia oito de dezembro de 1935, como para a admissão à primeira profissão religiosa, e para as demais, o então candidato àquelas fases de formação salesiana e sacerdotal, se mostrava sempre o mesmo: coerente com os ideais de se entregar totalmente a Deus

na Congregação Salesiana como sacerdote; afirmando sua decisão clara, consciente e livre, sublinhando não haver nenhum motivo que lhe embargasse tal desejado passo, após ter consultado a quem de direito, diz-se resolvido a entrar no noviciado, a fazer a primeira, segunda e definitiva profissão religiosa, invocando, sem exceção em cada pedido, a Graça de Deus e a proteção da SS. Virgem Maria Auxiliadora para poder corresponder ao dom da própria vocação. Após o noviciado, recebeu o hábito clerical das mãos do então inspetor salesiano Pe. André Dell’Oca, no dia 19 de janeiro de 1936. A primeira profissão trienal a fez em São Paulo, aos 28 de janeiro de 1937. A segunda no dia 13 de janeiro de 1940, em Bagé. Os votos perpétuos fê-los no Instituto Pio XI, no dia 29 de maio de 1942.

Durante os quatro anos de teologia, todas as vezes que os teólogos deviam sair para ensaios de canto por ocasião do Congresso Eucarístico, para ir ao Liceu ou a qualquer outro lugar, o Clérigo Celestino, como era conhecido na firma por ter sido funcionário por muitos anos, conseguia o bonde aberto para todos. E os clérigos todos de batina preta pela rua. No quarto ano, era também cabeleireiro. Três meses antes da ordenação, veio-nos visitar o chanceler da curia, Côn. Rolim.

Enquanto conversava com os diáconos, disse: vou aproveitar para cortar os cabelos. No fim disse ao diácono Celestino: “quid retribuam domino?” Pe. Celestino respondeu logo: “dispensa dos exames da curia aos diáconos”. O cônego respondeu: vou consultar e darei a resposta. Depois de uma semana, mandou o recado: “os diáconos estão dispensados do exame”. O nosso conselheiro dos estudos não gostou... mas palavra de rei não volta atrás. Fomos dispensados, e agradecemos ao cônego.

No dia 8 de dezembro, em Santa Ifigênia, fomos ordenados por Dom José Carlos de Aguirre, bispo de Sorocaba, e grande ex-aluno salesiano. Em sinal de agradecimento, Pe. Celestino fez questão de rezar sua primeira Missa no salão nobre da União dos Ex-Alunos salesianos do Liceu Coração de Jesus com a presença dos familiares, salesianos, marianos, muitos ex-alunos e amigos.

Trabalhou em muitas casas da inspetoria de São Paulo, ocupando cargos importantes e sempre com satisfação de todos.

Figura humana, salesiana e sacerdotal do Pe. Celestino

Todos os que tiveram a oportunidade, que é preciso chamar de sorte e felicidade de conhecer ou só contactar, por pouco que tenha sido, a pessoa do Pe. Celestino, puderam perceber que personalidade ímpar se escondia na simplicidade e humildade desse padre. Os muitos testemunhos orais e escritos, à uma, citam entre muitas, algumas características que o acompanharam interruptamente e se foram aprofundando mais e mais na sua vida.

Nos quatro anos de estudos teológicos, a constante e rica monotonia dos pareceres dos vários superiores do conselho da casa é esta: "Piedoso, trabalhador, diligente, dócil, tem muitas iniciativas, bom, prestativo, observante, muito bom, humilde, com uma grande boa vontade, criterioso, habilidoso, sempre disposto.

No testemunho de um seu ex-diretor e depois bispo, Pe. Celestino foi sempre um moço fino, piedoso, afável, modesto. Foi com prazer que acompanhei seus anos imediatos em preparação ao sacerdócio: com as maneiras serenas de um clérigo piedoso, cumpridor dos deveres, mostrando grande empenho em tudo.

Pe. Celestino foi sempre muito pronto em atender as confissões. Muito humilde e desprendido das coisas materiais, e pouco ou nada exigente no que se referia a roupas.

No documento manuscrito em que pedia plena liberdade e vontade decidida de ser padre, escrevia no seu 4º ano de teologia, no dia 10 de novembro de 1945: "Pe. Diretor, as minhas dificuldades e ansiedades o senhor as tem bem presentes e melhor do que eu as pode julgar. Infelizmente em todos os meus pedidos devo confessar a minha indignidade e suma fraqueza; todavia acrescento também que grande é a minha confiança na misericórdia infinita de Deus... E, assim, confiando na bon-

dade infinita de Deus... sob os olhares caridosos de Maria Auxiliadora e de Dom Bosco, ponho-me nas mãos dos meus superiores...".

Quem se preparava e se dispunha com tão elevadas intenções de servir a Deus no sacerdócio em favor dos irmãos e ainda no jeito e estilo salesiano, só podia manter e ir crescendo na dedicação de que deu provas contínuas em sua vida; foi sempre prestimoso ao chamado dos fiéis, amigos e parentes. Por onde passava, fazia o bem!

Uma característica entre as características do Pe. Celestino.

Em ordem crescente e teologal: o amor ao nosso Pai Dom Bosco, que concretamente se traduz em adesão e apego às "coisas salesianas"; aliás foi a atração que nosso Santo Fundador exerceu sobre o espírito do menino e do jovem aluno do Liceu Coração de Jesus, e depois do associado da União dos Ex-alunos.

Com esse desgaste já não era possível arcar com as responsabilidades mais graves. Os superiores ofereceram-lhe comunidades salesianas e tarefas consentâneas com seu estado de saúde. Com a pressão arterial elevada, a conselho do médico ficou junto ao mar na paróquia de Guarujá, cuidada pelos salesianos.

Finalmente foi transferido para a comunidade da Mooca. Aí Pe. Celestino tinha à sua disposição os recursos que a sua saúde precisasse. Contudo, era notória a decadência física.

Ele dizia que estava relativamente bem disposto e agradecido à Divina Providência de o ter encaminhado para um ambiente de amor e dedicação dos irmãos salesianos da comunidade.

No dia 22 de novembro de 1985, por volta das 22 horas, nosso irmão desceu ao refeitório da comunidade, como fazia sempre, e levou o chá, tendo conversado com outro irmão por alguns momentos. Foi para o quarto. Era sexta-feira. No dia seguinte, o setor escolar festejava o último dia letivo do ano: portanto com grande alegria, jogos, brinquedos. Os salesianos que trabalham na área da escola, estavam entretidos com as despedidas dos alunos.

No almoço, não apareceu. Terminada a refeição o diretor foi até o quarto do Pe. Celestino e bateu repetidas vezes na porta do quarto. Silêncio total. Peguntou aos irmãos e às duas portarias se tivesse saído. Ninguém o viu. A estas respostas negativas, foi novamente e bateu na porta. Silêncio. Foram chamados os irmãos da comunidade. Com uma escada um salesiano subiu, e ao chegar à janela semi-aberta, constatou o que já de horas se temia: Pe. Celestino estava morto! Ainda vestido normalmente até os sapatos, estava deitado de costas, transversalmente na cama, com a cabeça tombada para trás no vão entre a cama e a parede. Já frio. Certamente se tinha sentado na cama para tirar os sapatos... nem deu tempo. O sangue se concentrou todo na cabeça e o rosto ficou de cor densamente arroxeadão-violácea.

O médico diagnosticou a “causa mortis”: insuficiência respiratória aguda; miocardiosclerose.

Aberta a porta, os irmãos sacerdotes deram a absolvição, o corpo foi piedosamente recomposto na cama. Avisada, a comunidade logo compareceu, vivamente impressionada pelo desfecho tão tocante. Os primeiros parentes chegaram depois de uma hora.

Às 9:00 horas do dia 24, na capela Dom Bosco, presentes familiares e muitos salesianos, amigos e conhecidos, houve a concelebração presidida pelo Pe. Hilário Moser, inspetor de São Paulo, que em palavras breves e tocantes, recordou alguns tópicos da vida do nosso querido e saudoso irmão, Pe. Celestino Lazzari, a quem Deus Nossa Pai, tenha na Glória.

